

Stadium

N.º 128 ★ 16 DE MAIO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50

ALBINO

internacional
e médio do Benfica

retirou-se do futebol

A fotografia foca um dos aspectos da festa de domingo, no momento do desfile dos atletas do Benfica perante F. Albino





NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

DE CORUNHA A BASILEIA

O "team" português de futebol

desloca-se pela segunda vez, nesta época, ao estrangeiro — agora à Suíça

A notícia caiu no meio, inesperadamente. O Portugal-Suíça, tido como anulado em vista do momento anormal que se passava, sempre se disputa, e na data indicada, a 21 de Maio, de aqui a alguns dias, na cidade de Basileia. Não deve estranhar-se que o encontro se dispute em dia de semana. É que a próxima segunda-feira representa o dia sagrado da Suíça, o dia de Pentecostes.

O seleccionador nacional, e nosso querido companheiro de trabalho, Tavares da Silva, vê-se a braços num repente com duas viagens do grupo nacional ao estrangeiro: uma à Corunha, já história do passado; outra à Suíça, por enquanto uma incógnita.

Sobre o que sucedeu em Espanha — já todos estão informados. O team português excedeu, no que respeita a nível de *association*, todas as expectativas. Foi o melhor grupo que enviámos a Espanha, conseguindo lutar de igual para igual, em manifesta toada de equilíbrio. Que irá passar-se na segunda-feira, em Basileia?

De positivo, já o disse Tavares da Silva: o grupo será formado na terra helvética, saindo de uma lista de dezassete jogadores. A distribuição pelos diferentes lugares fornece sempre algumas indicações.

Guarda-rédes: Azevedo e Valongo.

Defesas: Cardoso, Feliciano e Manuel Marques.

Médios: Amaro, Moreira, Barrosa e Francisco Ferreira.

Avançados: Espírito Santo, Gomes da Costa, Quaresma, Teixeira, Peyroteo, Cabrita, Rafael e Catalino.

Desloca-se, intacto, o conjunto que foi a Espanha, mas aparece

como fazendo parte da comitiva o interior Joaquim Teixeira, do Benfica.

Isto quer dizer que o grupo nacional irá apresentar uma linha diferente da de Riazôr?

Estamos convencidos que assim acontecerá. A chamada de Teixeira, só por si, constitui realmente a mais valiosa das indicações. No futebol moderno é imprescindível o vigor físico, a força muscular.

Sabemos, por conversa amiga, que Tavares da Silva não desejou tocar na estrutura do grupo. Porquê? — Pela impossibilidade de fazer treinos e conseqüente chamamento de novos valores. Sem dúvida, há por aí rapazes que começam a tornar-se muito notados, subindo a pulso o mastro que os conduz à internacionalização. Para não citar outros, e exprimindo em um a síntese do que afirmamos: Capela é um valor a acarinharmos e a preparar. Contemos com êle.

Pouco se conhece actualmente do futebol suíço. Os Minelli, Balabio, Bickel e os irmãos Aedi são nomes que, embora continuando nos nossos ouvidos, estão por assim dizer esquecidos. Serão êsses os homens sobre quem recairá a representação suíça, entrando em linha de conta com a

morte do famoso Trello Abylleen? Ou o team será constituído por gente moça e porventura inexperiente? Ou dar-se-á o caso de novos elementos estarem enquadados na experiência dos antigos?

Quanto a nós, tudo consiste em saber se a estrutura do grupo nacional helvético conseguiu resistir à época anormal que o seu país atravessou, ou se o team da Suíça necessita de reorganização completa.

Temos sômente uma indicação: a recente vitória da Suíça frente à França, por 1-0. Mais nada. Lembremos, no entanto, uma coisa: todos os desafios internacionais são muito difíceis. Os que se disputam no estrangeiro — mais difíceis do que quaisquer outros. Mas confiemos no team de Portugal que se apresentará em Basileia. Esse grupo tem já como base o histórico passado da Corunha.

No vestiário de Riazôr

O sentimento dos jogadores

TAMBÉM fomos à Corunha. Andámos por lá misturados com os mais conhecidos críticos portugueses, Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas e Cândido de Oliveira, convivendo com o seleccionador Tavares da Silva, e ainda com os dirigentes e jogadores. Ninguém deu pela nossa presença. É bom não ser pessoa importante. Talvez por isso, observámos e ouvimos nas melhores condições...

...Tanta coisa tínhamos a dizer, desde a falta de água quente no Hotel Atlantico, prejudicando as massagens, à alegria comunicativa de uns para os outros da equipa, em todos os momentos e nomeadamente nas refeições.

Infiltrámo-nos no vestiário, que tinha ao meio um belo tanque. Só belo, pelos vistos! Os espanhóis afirmaram antes do encontro que a água do tanque seria aquecida, mas afinal era gelada de transir.

Logo no intervalo, a comoção do seleccionador era evidente. Fomos encontrá-lo, num abraço amigável com o capitão António Cardoso, ambos emocionados. Mas no fim do encontro vimos ima-

A bola portuguesa não rolou no Riazôr PORQUÊ?

JÁ no Estádio Nacional tinha sido utilizada, e na hora e meia, uma bola espanhola. Agora, em Riazôr, voltou a jogar-se com uma bola espanhola, durante os noventa minutos.

Significa isto alguma coisa? Tem importância o facto?

A questão envolve dois aspectos: um de ordem moral; outro técnico. No primeiro, aparece vincado o desejo dos dirigentes espanhóis se colocarem sempre num plano de superioridade. Só por isso o problema merecia ser levantado. O segundo, de menos importância, não deixa de ser igualmente um elemento com influência no jogo. De menos importância — repetimos — em virtude das bolas espanhola e portuguesa serem sensivelmente iguais.

Assim se propou no exame a que o árbitro suíço procedeu antes de começar a função. Três bolas espanholas e uma portuguesa apresentaram a mesma circunferência, diferindo um pouco no peso. A bola portuguesa acusou 420 gramas, menos 20 que a mais leve bola espanhola. Quere dizer: qualquer das bolas verificadas era regulamentar, podendo servir para o jogo.

Por aqui se vê que não têm o menor fundamento as notícias publicadas na imprensa vizinha, atribuindo aos portugueses o péssimo hábito de jogarem com bolas pequenas, como se usa na América do Sul.

Não é certo. As bolas que levámos para a Corunha eram de excelente fabrico — melhores que as espanholas — e absolutamente regulamentares.

O árbitro recusou-as. Os árbitros, mesmo os internacionais, podem fazer tudo. Até o que não devem fazer...

gens que não queremos por mais tempo esconder.

O que os rapazes sofreram! Como sentiram viva e dolorosamente a desgraça da derrota! Todos — sem excepção. Francisco Ferreira estava sucumbido. Tinha o penalty falhado em frente dos olhos. Feliciano, uma criança grande, duvidava ainda do seu comportamento. Cardoso não pronunciava uma palavra. Nem os jornalistas se lhe aproximavam. Metia mêdo! Peyroteo queixava-se das *torturas* a que fôra submetido. Os suplentes igualavam-se em sofrimento. Tinham, de resto, boas palavras para os seus camaradas efectivos. Um quadro inesquecível!

O QUE MOSTRA UM BOM INSTANTÂNEO...



Quatro curiosas atitudes podem observar-se nesta fase — qualquer delas a traduzirem reacções ou sentimentos opostos. O futebol oferece frequentemente êstes movimentados espectos...

A equipa do «Belenenses»

encetou caminho seguro para o título máximo

O «basket» agrada aos desportistas. Luta-se com energia num campo de pequenas dimensões e por isso tem de ver-se habilidade, rapidez, poder de reflexos e força atlética, individual ou colectiva. Ainda há pouco tempo, no jogo Belenenses-Vasco da Gama, por certo o melhor desafio desta época, conseguiu o público lisboeta compreender que as mais variadas e mais complicadas virtudes do jogo de «basket» residem precisamente na maneira como se revela o esforço e o cuidado na preparação de cada um.

O Belenenses veio a ganhar esse jogo. E bem. Mas o Vasco da Gama, de classe colectiva muito louvável, comportou-se com a maior dignidade. Perdeu como poderia ter ganho—coisa banal, mas exacta, como definição de bom comportamento técnico. Claro que, a não se verificar um empate, aparecerá sempre o vencedor... As vezes—este não pode discutir-se; mas noutros jogos, o vencido merece honras maiores. Não é o caso do Belenenses-Vasco da Gama. Os dois grupos foram dignos um do outro e só poderá afirmar-se que o título, em boa verdade, apenas deveria ficar bem num deles.

A formação de Belém terá de jogar com o Benfica, o Conimbricense, o Algués e o Guifões. Alguns jogos difíceis? Possivelmente. Mas não se deve esquecer que deu recentemente um grande passo para o título. O grupo do Benfica, depois do Belenenses e do Vasco da Gama, parece preparado para conseguir boa classificação. Diga-se, entretanto, que as jornadas à sua frente ainda podem embarçar a sua carreira. Algués e Conimbricense, de valor técnico muito igual, sem dúvida superiores ao Guifões, segundo do Porto, talvez não possam «ferir» a classe dos grupos da frente. Isto, no papel. Que, em questões de jogo—nada pode surpreender em cheio...».

Pouco importa relatar desafios. Interessa, isso sim, numa revista como *Stadium*, desenvolver conceitos que valorizem o jogo—e que dele possa ficar uma ideia geral aceitável, tanto em favor da propaganda como da compreensão do «acontecimento». Este deve ser o nosso propósito. Ou melhor: é o nosso propósito.

Não custa assim afirmar, desde já, que o campeonato nacional de «basket», o ano passado pôsto em disputa pela Federação respectiva, conquistou seguro caminho. As receitas, segundo se julga, não têm sido más, e o comportamento desportivo dos grupos também acompanhou a boa iniciativa da entidade dirigente. Admirável. Consiga-se também alargar a actividade dos orientadores técnicos de muitas equipas concorrentes.

Os juniores, por exemplo, talvez necessitem de regulamentação nova. Um campeonato, nos moldes do nacional, entre grupos da Divisão de Honra—seria recebido com geral agrado. Três grupos de Lisboa, dois do Porto e um de Coimbra, ou mais, que

aparecessem a representar cidades ou vilas, dariam relêvo à modalidade e conseguiriam certamente um seguro aumento de praticantes—jogadores de amanhã.

Pense a Federação no assunto. E como o campeonato de juniores não principiou, talvez não fosse difícil legislar nesse sentido. Arrojado pensar no caso? Se assim fôr, pouco se perderá...

O campeonato nacional da segunda divisão vai principiar. A concorrência não é grande. Infelizmente, poucos agrupamentos desportivos se decidem por este popular desporto. Lisboa, Porto e Coimbra; Tôrres Vedras, Setúbal e mais um ou outro centro, como Aveiro, afastado mas entusiasta, ainda prestam o seu concurso. Mas é pouco. Se os juniores, cuidadosamente servidos, tiverem o seu torneio «sério», talvez se resolva o problema. Mais um motivo para se defender o alargamento tão útil como urgente. Damos a palavra a quem de direito...

UMA ENTREVISTA

Os cavaleiros espanhóis

são bons em qualquer parte do mundo!

—afirmou à *STADIUM* o sr. general Manuel Latino

VAl começar, dentro de poucos dias, o Concurso Hípico Internacional de Lisboa. Aproveitámos o facto para ouvir alguém que nos desse, com conhecimento de causa, a sua opinião sobre o valor dos cavaleiros espanhóis, adversários de todos os anos e que abrilhantam, com a sua presença, a nossa competição máxima.

O nome do sr. general Manuel Latino impunha-se e a sua gentileza facilitou a missão do jornalista, que desta vez não vê necessidade da apresentação da praxe. Figura extraordinariamente conhecida e muito justamente apreciada, não precisa daquela apresentação.

O sr. general Manuel Latino, elemento de extraordinário relêvo no hipismo nacional, concursista da velha guarda, chefe de inúmeras equipas, que em Nice, Roma, Madrid e Barcelona representaram a cavalaria portuguesa, e daquelas que levaram as nossas tradições aos Jogos Olímpicos de Colômbes e Amsterdão, recebeu-nos na sala nobre da Sociedade Hípica, entre fotografias e troféus históricos, num ambiente de simpatia que nos desvaneceu.

Dissemos-lhe ao que iam. Disparámos a primeira pergunta e o sr. general Latino, conhecedor de tudo o que diz respeito ao desporto hípico, respondeu-nos prontamente, com um sorriso:

—Os cavaleiros espanhóis são bons em qualquer parte do mundo! Tão bons que, não esqueçamos, foram os vencedores dos Jogos Olímpicos de 1928, disputados em Amsterdão.

«As suas belas qualidades aliam ainda outra apreciável vantagem:

No «Festival de Abertura»

Jeremias Simão estabeleceu novo «record» nos 100 metros-livres, principiantes

REATANDO a tradição, a F. P. N. inaugurou a época natatória no primeiro domingo de Maio, com o seu clássico «Festival de Abertura», ao qual a falta de espaço só hoje nos permite fazer referência. Os nadadores tomaram, assim, o primeiro contacto com a água fria. E, caso curioso, fizeram-no precisamente no mesmo dia em que se jogou na Corunha o 16.º Portugal-Espanha em futebol, numa temporada em que o 2.º Portugal-Espanha em natação e «water-polo» domina—ou deve dominar!... — todos os espíritos que se interessam pela causa da natação.

Jeremias Simão o homem de momento

Sem favor, as honras da jornada vão para o estorilense Jeremias Simão, que progrediu extraordinariamente em relação à época transacta.

O seu tempo de agora, — 1 m.

6 s. 9/10 — que estabelece o novo «record» dos 100 metros-livres principiantes e que o coloca como o segundo português na distância, é, de facto, brilhante, com o pormento ainda de ter sido conseguido sem adversário que o apertasse.

Mais do que a figura dominante do «Festival de Abertura», Jeremias Simão é, francamente, o homem do momento.

Nas restantes provas de principiantes, António Xeira, Manuel Morais e Artur Machado estiveram em evidência.

Dois vitórias de Guilherme Patrone

Entre os iniciados, evidenciou-se Guilherme Patrone. Averbou dois bons triunfos — e dois bons tempos. E em ambas as provas terminou destacado.

Nos 66 metros-costas obteve 52 s. 8/10, contra 55 s. do estorilense José Alberto Figueiredo.

Nos 66 metros-livres creditou-se de 44 s. 3/10, contra 46 s. 8/10 do seu companheiro de clube Armando Rodrigues.

Nos 66 metros-bruços, também para iniciados, foi Armando Rodrigues quem dominou — e bem. Conseguiu 54 s. 9/10.

Juniores e seniores

Entre os juniores e seniores merece relêvo, primeiramente, o tempo de Mário Simas nos 100 metros-livres: 1 m. 4 s. 4/10. Atrás dele, ainda que, claro, sem poderem tentar a vitória, dois nadadores travaram boa luta: Belmiro Santos (1 m. 9 s. 5/10) e Rafael Eduardo Ramos (1 m. 10 s. 7/10).

Artur Mendes Silva e João Mira Gomes fizeram boas provas nos 100 metros-costas, dentro das suas possibilidades, terminando em 1 m. 23 s. 1/10 e 1 m. 24 s. 9/10, respectivamente.

Boa vitória de Agostinho Pessoa Duarte nos 100 metros-bruços, ainda que em tempo fraco: 1 m. 28 s. 4/10.

Quatro provas quatro sorrisos...

Maria de Lourdes Teixeira Mendes, Lucília Angeja, Hety Heyman e Ana Linheiro, dentro das respectivas especialidades e categorias, triunfaram e distinguiram-se.

Para princípio de temporada, estiveram bem. Melhorarão por certo, em provas futuras. Além de tudo o mais, deram ao festív. l a nota alegre e gentil que só a graça feminina consegue trazer...

As estafetas

As estafetas provaram sempre animação especial. As deste festív. l não fugiram à regra. No conjunto, duas vitórias do Algués, em iniciados e em principiantes, e duas do Estoril, em juniores e seniores.

No total das 17 provas disputadas, o Algués obteve 10 vitórias, o Estoril-Praia 6 e o Belenenses 1.

Eis em síntese, as impressões colhidas no «Festival de Abertura».



General MANUEL LATINO

proporcionado bons êxitos à cavalaria do país vizinho.

Uma pergunta se impunha. Fizemo-la de pronto:

—Há, a seu ver, sr. general, diferença de valores entre cavaleiros portugueses e espanhóis?

—Quanto a mim, os méritos equilibram-se—e a comprovar esse equilíbrio estão os resultados obtidos na «Taça de Ouro da Península», troféu máximo entre

(Continua na pág. 15)

SUBSÍDIOS para a HISTÓRIA

do PUGILISMO em PORTUGAL

COORDENAÇÃO DE *Isidoro Barradas*

O ano de 1914 principiou para o pugilismo amador português de maneira auspiciosa. Na reunião que se realizara a 20 de Maio de 1914, no Centro Nacional de Esgrima, elegeram-se novos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Boxe, figurando entre os seus membros algumas individualidades marcantes na vida social portuguesa.

Eduardo Ferreira de Castro (presidente), Eduardo Romero (vice-presidente), Ávila de Melo (tesoureiro), Dr. Alberto Machado (1.º secretário) e Eduardo Luis Pinto Basto (2.º secretário) constituíram a Direcção. O Conselho Técnico compunha-se de Brum da Silveira, Paul Larroux, Francisco Nobre Guedes, Guilherme Shirley e Plácido Duro.

Devemos desde já sublinhar a acção organizadora e proficiente do engenheiro Nobre Guedes, que foi um grande animador do pugilismo nacional.

Os seus conhecimentos, exactos e profundos, permitiram que se redigissem os regulamentos ainda em vigor — e que são excelentes, sob múltiplos aspectos.

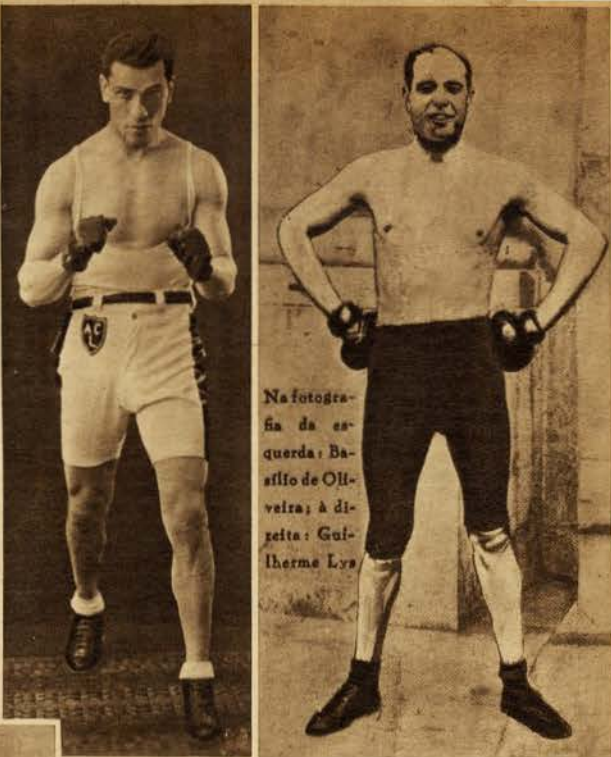
Em Julho de 1914 Basílio de Oliveira chegou a Portugal e no dia 19 do mesmo mês realizava-se na esplanada do Ateneu Comercial de Lisboa o combate entre Silva Ruivo e o amador de Manchester.

A grande desproporção de pesos, entre ambos, não justificava o encontro, mas a circunstância de Basílio ter reptado Nascimento de Lys para o campeonato de Portugal originara o acontecimento.

Lys, depois de bater Caldas, retirara-se para França e para Itália, não podendo aceitar o desafio lançado por Basílio de Oliveira. Foi Silva Ruivo, sempre na brecha, quem levantou a luvá.

O encontro, arbitrado por Francisco Xavier de Araújo, acabou ao 3.º assalto. Ruivo, no intervalo para o assalto seguinte, declarou-se impossibilitado de prosseguir por ter a mão direita luxada — mas, manda a verdade que se diga, Basílio punira-o de modo assaz convincente, dominando todos os assaltos. Em seguida, Francisco Xavier de Araújo e Basílio fizeram uma demonstração que impressionou a assistência favoravelmente.

No dia 23 efectuava-se na Praça de Touros do Campo Pequeno um combate entre profissionais de certa nomeada. Foram adversários o americano Harry Cooper e o francês Eustache, ambos melos-médios. Pelas 11 horas da noite os dois adversários subiam ao ring e na presença de muitos espectadores



Na fotografia da esquerda: Basílio de Oliveira; à direita: Guilherme Lys



Eng. Nobre Guedes

respectivamente, C. Riço da Fonseca e Basílio de Oliveira (Ateneu), ambos sem competidor.

A organização da prova e a sua orientação técnica esteve a cargo da F. P. B., sendo o júri composto por F. Nobre Guedes (presidente), Guilherme Shirley (secretário) e F. Xavier de Araújo (árbitro). Serviu de cronometrista o sr. Standen.

A 5 de Agosto, Basílio partiu para Inglaterra e por toda a Europa lavrava o incêndio da primeira conflagração de carácter mundial.

Os acontecimentos desportivos iam sofrer igualmente a influência e os prejuízos provenientes da guerra.

O pugilismo português, ainda na fase embrionária, seria dos mais afectados.

No dia 1 de Novembro de 1914 o amador brasileiro Tobias Pinto Xavier, de passagem por Lisboa, antigo campeão inter-escolar em Inglaterra, lançou um desafio a todos os melo-médios lusitanos. Só Basílio, que se encontrava fora do País, poderia ter aceitado o repto, mas os seus «fazeres» e a distância de Manchester a Lisboa impossibilitavam qualquer acôrdo de datas.

Também, até final do ano, não houve mais nenhuma manifestação importante do desporto do sôco. Apenas, o facto de passar por Lisboa, a bordo do *Zeelândia*, no dia 2 de dezembro, o preto Jack Johnson, que seguia a caminho de Buenos Aires.

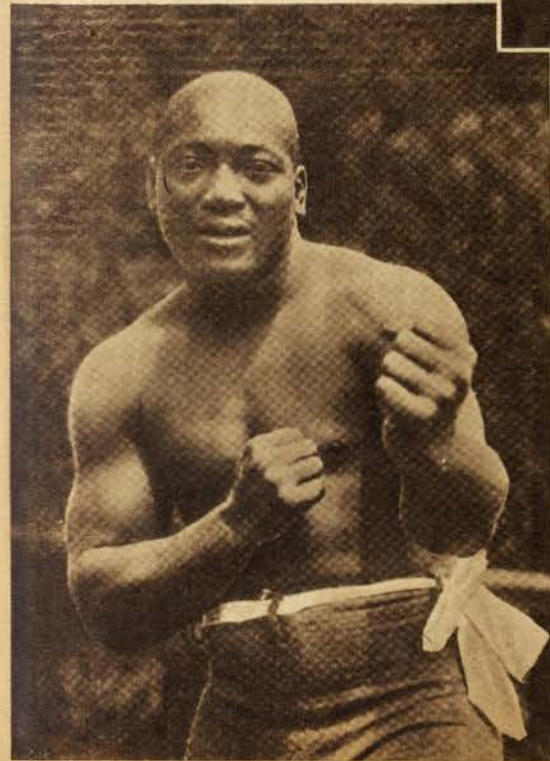
O ainda campeão mundial de todas as categorias fugia de Paris e dos seus prazeres.

Passeou pela cidade e deixou-se fotografar tendo por fundo a estátua de Camões.

Comeu no Tavares Rico, causando assombro a sua gulodice e prometendo voltar a Portugal no ano imediato.

Assim terminou o ano de 1914, sem outros factos dignos de nota.

← O célebre Jack Johnson



ALBINO deixou o futebol!

QUEM ha por aí que não conheça, pelo menos de nome Francisco Albino, o do Benfica?

Internacional de futebol durante muitos anos, o seu nome está ligado ao popular jogo. Desportista de boa tempera, amizade verdadeira ao clube que escolheu para representar, Albino contribuiu muito para o prestígio do Benfica.

Foi este jogador, admirável no contacto com a bola e popularíssimo entre os milhares de adeptos do futebol, que se despediu da actividade desportiva, no decorrer de luzida festa, com seus momentos de emoção, homenagem apoteótica que se efectuou no passado domingo no campo do Benfica.

Nos últimos momentos em que envergou a camisola rubra Albino viu-se rodeado por todas as amizades que muito justamente conquistou no desporto nacional. Passaram na sua frente, em desfile de saudação, diversas representações do desporto. Ergueram-se braços em saudação e ecoou uma grandiosa salva de palmas. O escarlate da bandeira do Benfica parecia mais vivo. Era o momento da despedida.

Falámos a Francisco Albino um pouco depois da homenagem. Confluiu-nos algumas palavras e uma saudação para todos os desportistas.

— A minha «fome» de jogar a bola — diz-nos — que sempre me acompanhou, tinha de ceder perante o rodar dos anos.

«Toda a minha amizade pelo Benfica, todo o meu desejo de colaborar até aos últimos instantes na glória do meu clube, não me fizeram perder a noção das realidades, verificando que insistir para continuar no meu posto poderia amanhã ou depois constituir um estorvo.

— E sente-se bem substituído?

O último esforço de Albino: auxiliar o transporte da grande taça do campeonato nacional...



Por entre aplausos, Albino entra em campo



— Sim! Moreira está à altura de desempenhar com brilho o lugar que defendi no grupo. E vejo que durante uns anos não haverá preocupações...

Albino aprecia, quanto a si, a diferença do futebol dos seus tempos para o de hoje, e confia-nos:

— O futebol de hoje é mais difícil. Além disso aparecem menos valores e a dedicação é mais rara. Nos meus tempos o clube observava toda a nossa vida — e não me parece que volte a ser possível conseguir alinhar três anos consecutivos o mesmo «team» como esse que o Benfica teve, consigo e com Augusto Amaro, Gustavo, Vieira, Raul Baptista, Gaspar Pinto, Domingos Lopes, Rogério, Espirito Santo, Xavier e Valadas.

— Qual vai ser a sua actividade desportiva? — A natação, simplesmente por prazer, e talvez um cargo de treinador, somente por sentir que não posso perder tão depressa o «vício» da bola...

Albino dita-nos depois a sua saudação:

Abandono o futebol com mágua, recordando sempre as tardes que «meu» o Benfica me fez viver.

Nesta hora de despedida a minha melhor saudação é para os desportistas de todo o país, que sempre me acarinham, e para os sócios do clube, vivendo comigo todos os momentos de alegria e tristeza nestes meus dezasseis anos de actividade.

Do Benfica não me despeço; ele foi e será sempre o grande clube que não podemos — nós, os verdadeiros benfiquistas — abandonar. Para todos um grande abraço.

No quadro de honra dos que ajudaram a fazer o Benfica val ser inscrito a letras de ouro o nome de Francisco Albino!

FERNANDO SA



As saudações da secção de ciclismo

Aclamadíssimo e emocionado, Albino, rodeado pelos seus companheiros de equipa, deixa para sempre o terreno da luta predilecta...



O abraço de Fernando Peyroteo

Uma defesa de Rosa no jogo Benfica-Sporting, que os «elefantes» ganharam por 3-1.



NA V «VOLTA A ESPANHA»

Os portugueses JOÃO REBÊLO e EDUARDO LOPES estiveram em evidência nas primeiras etapas

A CARINHADO e impulsionado por muitos e vários sectores estranhos ao desporto, o ciclismo espanhol teve, este ano, mais uma grande manifestação de actividade — a «Volta a Espanha», que principiou na passada quinta-feira com a etapa Madrid-Salamanca.

Não reuniu a corrida, desta feita, o lote de prestigiosos estradistas estrangeiros que em outras épocas nela têm alinhado. Homens da classe de Vietto, Deloor, Max-Bulla, Dignief, Molina e Barral não puderam, devido à situação anormal que se atravessa, concorrer à importante corrida. No entanto, pela primeira vez na história da prova, uma equipa de ciclistas portugueses está a lutar com a fina flor dos estradistas espanhóis.

É a «Volta» deste ano, pelas características do seu percurso, pela severidade do regulamento e também pela época em que é disputada, a mais difícil e violenta de todas quantas se têm organizado. Não obstante haverem os estradistas nacionais seguido para o país vizinho em condições técnicas e físicas pouco aconselháveis, num plano de grande inferioridade numérica (8 contra 42) e obrigados ainda a subdividirem-se em duas equipas — uma do Sporting e outra de «isolados», para concorrerem a um prémio que surgiu à última hora, mesmo assim, em circunstâncias tão singulares, os nossos homens têm-se portado de maneira a merecer elogios. Há até elementos, como Eduardo Lopes e Rebêlo, cujo comportamento é digno de aplausos.

Na primeira etapa, João Rebêlo — homem já com certa experiência, mas fogoso em demasia — chegou a fazer figura de vencedor. Os espanhóis reagiram, porém, e o sportinguista não só foi alcançado como teve de ceder na arrancada para a meta. Terminou, todavia, em 8.º lugar, a escassos segundos do vencedor.

Na segunda tirada Rebêlo voltou a evidenciar-se, chegando a Cáceres em 6.º lugar, a 37 m. do vencedor — o galego Delio Rodriguez, que era no sábado o «leader» da «Volta».

Coube a Eduardo Lopes a honra de, na terceira etapa, prestigiar o ciclismo português. Nessa tirada, que terminou em Badajoz, o corredor do G. D. Iluminante classificou-se em 3.º lugar, com o mesmo tempo do vencedor — o maiorquino Gual.

Inteligente como é, Lopes reconheceu que a pequena quilometragem da etapa lhe permitia sair da tática de defesa para a de ataque. Então esgueirou-se do pelotão para perseguir Gual, cooperou na caça a este com Gimenez, alcançou depois o fugitivo e já mais o largou. Na meta, em aconselhável economia de energias, nem sequer embalou, limitando-se a seguir a roda dos adversários, para não perder tempo. Grande prova fez Eduardo Lopes nesta etapa de 136 quilómetros, percor-

rida em 3 h. 47 m. 11 s., à média de 35,900 km.

Júlio Mourão, Império dos Santos e Jorge Pereira, sensatamente pouco audaciosos, têm-se mantido na expectativa, agrupados, tentando atar-se o menos possível em relação aos primeiros. Cremos poder-se esperar destes três homens alguma coisa mais do que têm feito até agora — classificações entre o 11.º e 34.º lugares.

De estranhas apenas as acções de João Lourenço e Aniceto Bruno. O sportinguista pode ser que esteja a ressentir-se já do excesso de quilometragem com que seguiu para Espanha, facto que, a ser verdadeiro, é para lastimar, pois Lourenço poderia sair-se airoso na «Volta». Aniceto deve melhorar a meio da corrida, sabido que foi com treino deficiente.

GIL MOREIRA

OS CAMPEONATOS DE AMADORES E AS VITÓRIAS

de Tavares da Silva e António Maria em seniores e juniores

NA prova do campeonato nacional de fundo, para seniores, disputada domingo, no percurso Lisboa-Bombarral-Lisboa, há que assinalar três factos: a extraordinária corrida de Tavares da Silva, o excelente comportamento de Onofre Tavares e a falta de brio desportivo de Carlos Quadros e Manuel Espadinha.

Um campeão

Tavares da Silva, o correcto e inteligente corredor do Lisgás, devia ter feito a melhor prova da sua já brilhante carreira de estradista. Mal viu atrasados, por avaria, os seus mais perigosos adversários — Quadros e Onofre — já mais deixou de se servir do «passo» duro de que dispõe nem fugiu ao ataque, cooperando na fuga em que se embrenharam também Pinto Ribeiro, Amândio e Ernani Ribeiro, e quando verificou ser oportuno, a 60 quilómetros da meta, isolou-se e chegou a Lisboa com o avanço de 17 m. sobre o segundo classificado — depois de bater o «record» do percurso pela bagatela de 10 m. 32 s. Assim conquistou Tavares da Silva, futuro independente, mais um título de campeão nacional, para juntar ao de campeão de Lisboa de 1943 e 1945.

Um jovem corredor de classe

Onofre Tavares, rápido e voluntarioso corredor português, fez também prova meritória. Vencido pela adversidade, soube lutar, sem desânimo, para recuperar o tempo perdido numa aparatosa queda em Carriche, e depois acabou por ba-

ter, na embalagem final, um lote de homens que são bons «sprinters» e possuem de facto valor.

Dois maus desportistas

Quando a Quadros e a Espadinha, evidenciaram-se, sim, mas por motivos que os devem fazer córar. Não reparando que iriam com semelhante procedimento desprestigiar os seus nomes e os clubes que representam, e mostrando não possuírem a menor parcela de respeito pelos adversários, esses homens não encontraram melhor processo para «recorlar» do que agarrar-se a uma camioneta e seguir colados a um automóvel.

É já altura de começar a punir estas faltas — as mais anti-desportivas que podem cometer-se na velocipédia, porque constituem uma burla contra os atletas que só sabem servir-se das suas facultades para correr.

Estas e muitas outras que, a encoberto ou à descarada, teimam em fazer-se — perante a benevolência de uns ou a ignorância de outros, mas sempre com a noção clara do que representam por parte de quem as comete — não podem continuar impunes, para prestígio do ciclismo.

A não ser as também voluntariosas corridas feitas por Ernani Ribeiro e Pinto Ribeiro, nos primeiros 100 quilómetros, e a de Amândio Monteiro, até à altura de «furar», nada mais houve de interesse nesta prova de campeonato. José Jacinto mais uma vez «andou» mal, numa demonstração de que a bicicleta já não o entusiasma...

Isto de se ser corredor exige «garras» — e certo interesse pela modalidade...

A prova de juniores e iniciados

O título de campeão em juniores foi também justamente ganho por António Maria Jr., agora envergando a camisola do Sporting.

Prova conduzida sem técnica nem tactica, «martelando» a frente do pelotão e terminando com uma fuga «em força», já com a pista à vista, para evitar a luta com atletas mais rápidos.

Domingos Jacinto, também «leão», e José Novais, representante do Pôrto, foram os que melhor réplica deram ao vencedor, que cobriu os 108 quilómetros da prova em 3 h. 28 m. 24 s.

Na corrida de iniciados, que a Associação promoveu — a última do campeonato distrital, embora chegasse em primeiro lugar o sangalicense Santos Costa, seguido de Francisco Morgado, também há que esclarecer dúvidas sobre o comportamento de alguns corredores.

G. M.

NA «Volta a Espanha», os corredores Delio Rodriguez, que enverga a camisola encarnada, Eduardo Lopes e Jorge Pereira, montam bicicletas da marca portuguesa FLECHA.

BOA ESTREIA para o SPORTING

O campeonato dos estreantes foi uma lastimosa demonstração de incapacidade organizadora dos dirigentes regionais, felizmente compensada pela abundância e animação dos concorrentes e pela boa média dos resultados. Perdeu-se o ritmo que tanto valorizava as organizações do atletismo e a falta de dinamismo dos componentes do júri arrasta as provas incompreensivelmente, aborrecendo o público e prejudicando os próprios atletas.

Vêem-se, deambulando pelo campo, aos pares ou em grupinhos, seus tantos senhores muito calmos e absorvidos pela conversação de assuntos provavelmente particulares, mas as competições, essas, esperam e intervalam-se numa desastrosa falta de respeito pelos elementares direitos de quem pagou para presenciar um torneio de atletismo e não os devaneios peripatéticos dos dirigentes.

O próprio programa foi muito mal distribuído e contribuiu para a demora das sessões. No domingo, por exemplo, acumularam os 60 metros com a estafeta 5x60 m., obrigando os melhores a correr seis vezes a distância. Já temos escrito algumas vezes, e a causa aumenta na directa razão do número de participantes, que a maneira mais conveniente de resolver estas dificuldades é separar as eliminatórias das finais em jornadas diferentes, ou correr as eliminatórias pela manhã e as meias-finais e finais pela tarde.

No torneio de estreantes, em cuja classificação vigorou já o novo sistema de pontuação alcançando os cinco melhores de cada prova, o Sporting Clube de Portugal alcançou uma expressiva vitória, que traduz com clareza o notável trabalho em profundidade desenvolvido de há dois anos para cá pelos mentores da secção. Os «leões» apresentaram muita gente, bem preparada e de incontestável valor.

Das onze provas constantes do programa o Sporting ganhou oito, deixando as três restantes para o Belenenses, Benfica e Internacional, privado por desclassificação de defender as suas legítimas esperanças na estafeta 5x60 metros, por transmissão além do limite na eliminatória em que batera, apesar de tudo, o vencedor da final. Somaram os sportinguistas 100,5 pontos, contra 108,5 de todos os adversários.

Isto tudo.

Uma das notas salientes do torneio foi a presença de novas colectividades: Cuf, Gimnásio do Sul e Parede, e o reaparecimento do Ateneu.

Como a todas elas será difícil competir além dos principiantes, bem andaria a Associação mantendo nos programas das categorias superiores algumas provas para estreantes, que impedissem a prematura inação dos novos adeptos.

Entre os competidores apareceu muita matéria boa, tanta que é impossível registá-la toda. Cite-

VALDÉS domina G. MARTINS E PERDE A DECISÃO, QUE SERÁ RECTIFICADA

Sousa derrota Albarrán — Os outros combates

A sessão de domingo no Estádio Maier foi pouco brilhante e não pode emparelhar com outras que no mesmo local se têm efectuado. O combate de fundo, entre Guilherme Martins e Valdés, ambos pesos leves, durou os 8 assaltos previstos no programa. A decisão elaborada por um júri foi atribuída ao pugilista nacional em detrimento do jogador visitante. Podemos chamar-lhe decisão patriótica e injustificada, porque o domínio técnico do castelhano havia sido claro e evidente em quasi todos os assaltos dos encontros.

Martins, que não estava preparado para um combate que se adivinha rude e veloz, por motivo das obrigações do serviço militar, perdeu os seis primeiros assaltos. O jogador espanhol não se aplicou a fundo, como era seu dever de desportista, e desde o início só tivemos ocasião de o ver lutar episódicamente, embora dando impressão de combater sem tréguas. Em suma, passou a mão pelo pêlo do público...

Martins esgrimiou enquanto pôde e fez coisas vistosas nos primeiros três assaltos. Encaixou bem alguns — raros — golpes duros no rosto, mas não conseguiu bater com a direita em *hook*, provando assim que o sóco é anunciado demais. Em seguida a uma troca violenta no 2.º assalto, passou a cobrir-se e a ceder terreno, rompendo o contacto e precipitando-se no corpo-a-corpo para evitar as entradas de Valdés. A passividade deste jogador a partir do sexto assalto tornou-se notória e Martins obteve a pontuação dos 2 últimos assaltos.

O árbitro, sr. Machado Júnior

mos somente os mais destacados.

O belenense Figueira e o sportinguista Mendes são dois corredores de velocidade com excelente «pinta» e aos quais auguramos bom futuro desportivo. Manuel Coelho deixou boa impressão na velocidade prolongada, bem como Domingos Canhão no meio fundo curto.

Manuel Avelino venceu bem os 2000 metros, sabendo colocar-se desde a largada em bom lugar — ao contrário de Américo Silva, que a nosso ver perdeu a prova por inexperiência, deixando-se ficar durante volta e meia na cauda do pelotão e obrigando-se a recuperar numa volta mais de cinquenta metros, em sucessivas ultrapassagens.

No grupo dos saltadores, talvez o mais fraco, apareceram rapazes com habilidade, mas fisicamente pouco dotados para a especialidade. Armando Morais é possante, mas pesado, e Octávio Costa, muito ágil, não possui a estatura de um saltador em altura.

Nos lançamentos, em contrapartida, há bastante por onde escolher: Fernando Paiva, Mendes, Mateus, Morais, etc., possuem estôfo de lançadores, mas, como é lógico, uma longa preparação técnica a cumprir.

SALAZAR CARREIRA

não leu convenientemente os boletins, facto que, pela segunda vez, lhe acontece. Um dos juizes opinara pela vitória de Valdés e o outro optara pelo empate. Mal se compreende o engano e a falta de cuidado havido na decisão publicada, que deverá ser rectificada para «empate».

Antes, em combate de meio fundo, assistiu-se ao choque de Augusto de Sousa com Albarrán. O aspecto geral desta pugna foi a rudeza sangrenta, despida de boa esgrima.

Sousa procurou descer ao sobrado o espanhol, aplicando-lhe a direita em «contra», mas só raras vezes a empregou com êxito. No 5.º assalto foi atingido com um golpe na face esquerda, que lhe cortou a pele, sangrando em abundância. Momentos depois era Albarrán quem sofria idêntica punição. Os dois últimos assaltos foram morosos e, além da sangria, viram-se bastantes irregularidades de parte a parte. A vitória de Sousa, por pontos, foi justa.

Quintas, outro espanhol, derrotou o principiante Rocha 2.º, em 6 assaltos. O português entrou a todo o pano, mas no 2.º assalto foi

(Continuação da página 10)

DUAS NOTAS POR SEMANA NO ESTRANGEIRO EM PORTUGAL

O «lennis» de mesa possui no estrangeiro grande popularidade e as suas competições chamam sempre numerosa assistência, atraindo pela emoção e pelo dinamismo espectacular das jogadas.

Os grandes campeões internacionais exibem-se nas vastas salas de espectáculo com tanto êxito e tamanho entusiasmo como os mais afamados pugilistas. Questão de clima...

Assim se explica que, em Inglaterra, se mova agora forte campanha para a criação de um profissionalismo «mesa-tennis» — se nos é permitido usar desta palavra em contribuição para a actual tendência do neologismo desportivo — o qual passaria a viver independente das organizações amadoras.

Este alvitre encontrou, porém, em determinados meios, forte oposição, que pode parecer estranha à primeira vista, pois afigura-se vantajosa para todos os interessados, participantes ou organizadores.

A atitude de reacção passa, contudo, a ser claramente compreensível quando se conhecem as disposições do regulamento internacional da modalidade, que permite aos amadores receberem quaisquer quantias pelas suas exhibições desde que peçam prévia autorização! Nestas condições, na realidade, não se justifica a separação em categorias; não há trigo, nem joio. É tudo trigo — e do melhor.

Quem havia de supor que o pacato «lennis» de mesa era o mais liberal dos desportos!

O encontro internacional do Estoril deixou no espírito de todos uma certeza: os xadrezistas portugueses podem competir em absoluto com os espanhóis, e até vencê-los, sem que isso pareça extraordinário. Esta convicção é mesmo compartilhada pelos próprios jogadores que em Outubro, em Madrid, devem defrontar a equipa da nação vizinha, num segundo «mach» que tem desde já foros de sensacional. Contrariamente ao que sucedeu antes da nossa estreia internacional, encara-se a possibilidade do triunfo — e não a de obter um resultado a vincar simplesmente que não existe entre os dois grupos de jogadores peninsulares aquela diferença de classe que chegou a propalar-se.

Faltam somente cinco meses para o novo encontro. Por parte da nossa Federação, porém, não se verificou ainda qualquer iniciativa tendente a impulsionar o treino dos nossos prováveis representantes. Todavia, estamos precisamente na melhor altura de cuidar deste tão importante pormenor. Não faltam incitamentos e alvites. A acção do dr. Ayala Botto, por exemplo, revestida da

característica particular que lhe dá o seu cargo de Inspector de Desportos, tem sido magnífica de oportunidade, indicando o caminho a seguir em algumas das suas oportunas palestras radiofónicas.

Na imprensa também o problema tem sido agitado. O internacional Rui de Nascimento, num dos últimos números do nosso colega «Mundo Desportivo», esboçou um estudo interessante do problema, tratando-o com grande acerto.

Depois de indicar o melhor método a usar para incutir confiança nos jogadores, aconselha as análises críticas das partidas e estilos dos nossos adversários espanhóis e trata da importante particularidade da resistência, que divide em física e psicológica. Comenta o factor «espírito de equipa» e aborda a parte propriamente técnica, para a qual aconselha um inventário das características dos nossos jogadores, para se determinar quais as tendências e reacções dos xadrezistas em face do desenrolar das partidas, permitindo ao seleccionador estar a par e aconselhar os elementos que escolher de acordo com os pormenores que observar.

São sugestões muito interessantes, embora na prática, em rigor, nem todas pareçam viáveis, não pelas características que encerram mas pela nossa clara falta de preparação para tão vasto quão completo plano de actividade.

Pelo menos, aparentemente, a sua aceitação nos meios oficiais parece-nos duvidosa, pelo conhecimento que temos da nossa pequena adaptação ao que se considera como... novidade.

Segundo tudo parece indicar, mais uma vez o treino da futura selecção nacional de xadrez vai limitar-se a um ou outro torneio e à preparação de iniciativa particular, no campo do estudo da teoria...

Joga-se actualmente, no Grupo Xadrez de Lisboa, o campeonato do Sul, disputado por nove jogadores da categoria de honra da Associação e por três Mestres. Em seguida, ainda sem confirmação oficial, efectuar-se-á o campeonato inter-clubes e o torneio dos Mestres — e daqui sairá a equipa a enviar a Madrid.

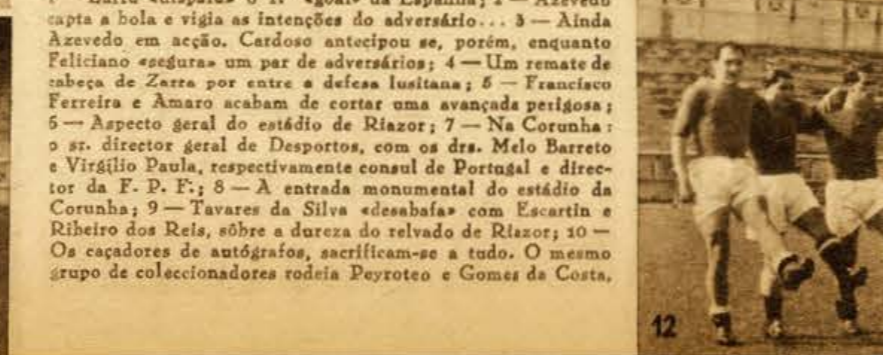
Do problema da selecção nacional e da orgânica dos torneios, falaremos noutra oportunidade. Por agora preocupa-nos, acima de tudo, o perigo que a nossa representação poderá correr se se persistir em métodos que encerram comodismo muito prejudicial. Uma preparação baseada nos moldes propostos pelo internacional Rui Nascimento, por exemplo, seria o ideal — sem exigir muito.

Mas também, no caso de hipoteses menos animadoras, não devemos deixar que se apodere de nós o pessimismo derrotista. Não há dúvida que os nossos jogadores, mesmo sem a intervenção oficial, não descuram a sua preparação e que em Madrid os veremos exhibir-se em no máximo da sua força!

VASCO SANTOS

Stadium

Ainda algumas imagens do PORTUGAL-ESPANHA



pacientemente dispostos a atender os pedidos; 11 — Os fotógrafos portugueses e espanhóis que trabalharam no Portugal-Espanha; 12 — Um pormenor da sessão de ginástica dos portugueses antes do treino feito na Corunha

1 — Zarra «dispara» o 1.º «goal» da Espanha; 2 — Azevedo capta a bola e vigia as intenções do adversário... 3 — Ainda Azevedo em acção. Cardoso antecipou se, porém, enquanto Feliciano «segura» um par de adversários; 4 — Um remate de cabeça de Zarra por entre a defesa lusitana; 5 — Francisco Ferreira e Amaro acabam de cortar uma avançada perigosa; 6 — Aspecto geral do estádio de Riazor; 7 — Na Corunha: o sr. director geral de Desportos, com os dros. Melo Barreto e Virgílio Paula, respectivamente consul de Portugal e director da F. P. F.; 8 — A entrada monumental do estádio da Corunha; 9 — Tavares da Silva «desbafa» com Escartin e Riheiro dos Reis, sobre a dureza do relvado de Riazor; 10 — Os caçadores de autógrafos, sacrificam-se a tudo. O mesmo grupo de colecionadores rodeia Peyroteo e Gomes da Costa,

OS TORNEIOS NACIONAIS da «Mocidade Portuguesa»

foram ganhos pela Estremadura e Beira Litoral

NA «Casa da Mocidade», onde centenas de rapazes vão colher diariamente os benefícios feitos da educação física e desportiva, disputaram-se os campeonatos nacionais de esgrima de sabre e de espada, aos quais concorreram apenas representantes dos Centros Especializados de Lisboa, Porto e Coimbra.

Há anos, estes torneios reuniam maior número de atiradores, pois estavam presentes mais algumas regiões do País.

Surpreendeu-nos agradavelmente a superioridade técnica que os rapazes da Beira Litoral revelaram na prova de sabre por equipas, durante a qual se impuseram aos seus camaradas da Estremadura e do Douro Litoral. Isto parece demonstrar que na região há certa tendência para a prática mais aturada da esgrima de sabre, que deve ser cultivada com carinho.

Nas competições de espada, já a Beira foi suplantada pelo Douro e pela Estremadura, ocupando os últimos lugares, tanto no torneio colectivo como no individual.

Verificou-se a supremacia da Estremadura, tão assente no valor de Edmundo Franco como a superioridade de Coimbra, ao sabre, se baseou na intuição de Baptista Rodrigues.

Se estes foram os elementos de maior evidência nos campeonatos, outros houve, porém, que nos deram igualmente boa impressão quanto às suas possibilidades: Antero Martins, Maia, Figueiredo e Giesteira, entre os espadistas; Barros, Abreu, França Martins e Romão, entre os sabristas.

PUGILISMO

(Continuação da página 7)

refreado com três golpes no queixo. Oscilou mas não caiu.

A vitória de Quintas, por pontos, embora ligeira, era evidente. Rocha tem ainda pouca experiência e as suas fintas de parafuso, com flexão das pernas, são prova disso.

Rebordão e Mateus, dois pugilistas conhecidos e amigos, fizeram um combate também amigável. Muito gás e aceleração vistosa mas poucos socos na cara. Apesar disso, foi a melhor luta da noite. A decisão do empate não correspondeu à marcação pontual, que pertencia a Mateus por escassa diferença.

A abrir a sessão assistimos ao combate de Trindade e Cruz Passos. A vitória coube ao primeiro nomeado, depois de um combate sem beleza nem estilos.

Quanto às arbitragens, o trabalho dos directores de combate não nos agradou. Por exemplo, devem ordenar o break em alta voz e nunca passar por entre os homens. Também devem ser rápidos nas suas intervenções e para isso não andar ao longo das cordas, exclusivamente, antes acompanhar os pugilistas mais de perto.

A assistência foi escassa e não mostrou muito entusiasmo.

RAFAEL BARRADAS

Assistiram às provas os srs. Mário de Noronha, presidente da Federação de Esgrima; coronel Silvano Loureiro, da Comissão Superior de Educação Física do Exército; coronel Oscar Mota, antigo e prestigioso mestre de armas; capitão Pereira de Castro, sub-delegado da Ala 2 da M. P.; capitão Campos de Andrade, inspector de esgrima da «Mocidade»; e capitães Mário de Figueiredo, Mário de Almeida e Alves Monteiro, directores, respectivamente, dos Centros de Esgrima de Lisboa, Porto e Coimbra.

Notou-se a ausência de algumas individualidades que faziam parte do júri de honra.

Resultados técnicos:

Sabre

Equipas — 1.º Beira Litoral (João Baptista Rodrigues, Manuel de França Correia Martins e Joaquim Prado de Castro); 2.º Estremadura (Domingos Romão, Rogério Lopes Ferreira e Fernando Lomelino); 3.º Douro Litoral (Alexandre Barros, Jorge de Carvalho e Henrique Sanches).

Individual — 1.º Baptista Rodrigues (B. L.), 7 v. e 1 d.; 2.º Alexandre Barros (D. L.), 7-1; 3.º Egas Abreu (D. L.), 5-5; 4.º França Martins (B. L.), 4-4; 5.º Domingos Romão (E.) 3-5; 6.º Jorge Carvalho (D. L.), 3-5; 7.º Prado de Castro (B. L.), 3-5; 8.º Fernando Lomelino (E.), 3-5; 9.º Lopes Ferreira (E.), 1-7.

Espada

Equipas — 1.º Estremadura (Edmundo Franco, Antero Martins e José Jorge de Figueiredo); 2.º Douro Litoral (Alberto Giesteira de Almeida, Manuel Peixoto Duarte e Jaime Barbosa Maia); 3.º Beira Litoral (José Proença, António Prado de Castro e Nuno Barros e Cunha).

Individual — 1.º Edmundo Franco (E.), 7 v. e 1 d.; 2.º Antero Martins (E.), 5-3; 3.º Jaime Maia (D. L.), 5-3; 4.º Jorge Figueiredo (E.), 4-4; 5.º Alberto Giesteira (D. L.), 4-4; 6.º Manuel Duarte (D. L.), 3-5; 7.º José Proença (B. L.), 3-5; 8.º António Prado de Castro (B. L.), 2-6; 9.º Barros e Cunha (B. L.), 2-6.

Dirigiram os «assaltos» os professores Campos de Andrade, Mário de Figueiredo e Martins Correia.

O GRUPO DESPORTIVO DA CASA VAULTIER

inaugurou a sua secção de esgrima

Tivemos o prazer de assistir há dias, por gentil convite dos seus dirigentes, à inauguração da secção de esgrima do Grupo Desportivo da Casa Vaultier — vasta organização industrial que cuida com carinho particular da educação física do seu numerosíssimo pessoal, com o pormenor altamente simpático de ser o seu director, o ilustre desportista sr. Maxime Vaultier, o primeiro a dar aos seus devotados colaboradores o exemplo prático de com eles comparticipar nos torneios que organizam.

A nova sala de armas, instalada em boas condições, tem já concorrência de considerar e é dirigida pelo mestre sr. Carlos Nellis. A prova inaugural disputou-se à espada, tendo por prémio a taça «Anne Marie Vaultier», que será adjudicada ao atirador que obtiver o melhor resultado no conjunto de três «poules». A primeira destas foi ganho por Fernando Igreja, seguido de Alberino Bôto, Maxime Vaultier, Mário Tavares, Eduardo

Porque não «PORTUGAL-ESPANHA» ANUALMENTE EM TÓDAS AS MODALIDADES?

DIVERSAS manifestações do intercâmbio desportivo luso-espanhol se têm verificado, felizmente, de há meses para cá: encontros oficiais de futebol e outros, particulares, da modalidade; embeles das seleções nacionais do xadrez, desporto intelectual por excelência; participação dos ciclistas portugueses em provas disputadas nas estradas espanholas, umas vezes individualmente, outras, com maiores responsabilidades, como, por exemplo, na «Volta a Espanha», que começa agora; jogos inter-regionais de «handball»; combates de pugilismo, etc. Depois de tudo o que se tem feito neste período recente, além daquelas, outras modalidades, como o atletismo, a natação, o remo e o «hockey», prenderão a atenção dos desportistas das duas nações vizinhas e amigas, irmãs de raça, numa emulação bem compreendida, da qual só vantagens podem advir para os progressos comuns que os dois povos ibéricos ambicionam.

Sempre fomos — e estamos em muito boa companhia, a quem e além fronteiras — partidários fervorosos desta aproximação luso-espanhola e das manifestações frequentes e regularmente periódicas de intercâmbio desportivo em tôdas as modalidades praticadas.

Hoje, essa actividade, técnica e particularmente dirigida pelos

M. Gato, J. Graça Palma e J. Baptista Azevedo.

O conhecido esgrimista José L. Nogueira, capitão da secção, tomou parte na «poule», mas sem que os seus resultados confessem para a classificação.

Se o vencedor demonstrou qualidades dignas de serem cultivadas, A. Bôto patenteou todavia intuição invulgar e condições para se tornar um atirador forte. Os outros concorrentes, ainda com pouco tempo de prática da espada, formaram um conjunto agradável.

A esta interessante festa assistiram os srs. Mário de Noronha, presidente da Federação de Esgrima, capitão Campos de Andrade, adjunto técnico do pelouro de desportos da F. N. A. T., e outros esgrimistas e individualidades do meio desportivo.

Após uma visita às novas instalações fabris da Casa Vaultier, construção magnífica, na qual se previu com larga visão e actividade desportiva e recreativa do pessoal, foi servido um «copo de água». Falaram os srs. Mário de Noronha e capitão Campos de Andrade, que feliciteram os novos esgrimistas e ofereceram a agradável surpresa do magnífico ambiente desportivo que encontraram; Maxime Vaultier, que saudou as entidades presentes, cuja comparecência agradeceu; e o nosso camerado Avelar Machado, como chefe de redacção do Stadium e em nome dos jornalistas presentes, que efizimou ao sr. Maxime Vaultier e aos seus colaboradores o reconhecimento dos representantes da imprensa pela amabilíssima recepção que lhes foi feita.

organismos competentes, como sempre foi, é superiormente orientada — e justamente acatada — por entidades oficiais, do que só podem resultar benefícios, sob todos os prismas por que queiramos encarar o problema.

Isto dá-nos confiança: confiança no presente e confiança para de futuro... Esperança de que, amanhã como agora, o intercâmbio desportivo ibérico não arrefecerá...

E que — relembrando, a propósito, o Passado — concluamos que nós, os portugueses, temos-nos entregado a esta ideia com muito mais paixão e entusiasmo do que os nossos estimados vizinhos...

Em mais de uma ocasião a série de embates desportivos, nomeadamente no futebol, tem sofrido interrupções mais ou menos longas, para as quais, diga-se a verdade, pouco temos contribuído... Os jogos «Portugal-Espanha», que deviam merecer, nas duas Federações, tanto carinho como os próprios campeonatos internos, e ser encarados com o aspecto moralmente obrigatório daqueles, ficam, às vezes, relegados para um plano secundário, sujeitos — e prejudicados — pela obtenção de datas disponíveis, ou só possíveis se falharem outros, ocasionais, em perspectiva.

Ora, receamos que, quando as coisas regressarem à normalidade (oxalá este regresso seja um facto próximo!), os referidos encontros voltem a ser de realização irregular, apenas possíveis «si no hay embargo»...

Além desta falha, que sinceramente desejamos ver remediada para de futuro, sucede que, sempre que «nuestros hermanos» se lembram dos portugueses para experimentarem forças ou alcançarem triunfos com os quais contam de antemão, nós corremos, pressurosos, a dar o nosso acórdio, como amigos sinceros, dentro do bom espírito desportivo em que assenta o nobre princípio de que, perdendo ou ganhando, tudo é fazer desporto, e porque muito nos honra e alegra — essa é uma verdade — esta espécie de pugnas. Mas, do lado de lá, estas teorias nem sempre prevalecem...

Confiemos, pois, em que as relações desportivas ibéricas, cimentadas, agora, durante um período grave para todo o Universo, se não manter com regularidade e ampliar, mesmo, no momento que se avizinha, em que o resto do Mundo volta a estar ao nosso alcance. Que, nas várias modalidades, o «Portugal-Espanha» seja um facto certo, fixado previamente no programa das realizações de cada ano. E que este embeles se não verifique apenas naquelas modalidades, em que, por motivos conhecidos de todos, a nossa inferioridade é manifesta — pese esta afirmação, embora, ao nosso brío e à nossa boa vontade patrióticos...

RUI DE LISBOA

BILHAR

ALFREDO ALHINHO

tem assegurado o 1.º lugar no torneio de segundas categorias e o acesso às primeiras

O torneio de 2.ªs categorias, o mais importante de quantos se estão a disputar neste momento, atinge o seu termo. Alfredo Alinho, a maior revelação na *série americana* da prova prestes a finalizar, já não poderá ser deslocado do 1.º posto da classificação, ao qual subiu logo no início do campeonato, e a sua ascensão à 1.ª categoria (classe dos «ases») está igualmente assegurada. O dr. Francisco Branquinho, seu mais directo rival, tem a confirmação do 2.º lugar dependente do resultado da partida dr. Lourenço Gago-Raúl Vidal. É até agora, e depois de Alinho, o único concorrente que realizou a média que qualifica o jogador como da 2.ª categoria. Os seis restantes não lograram, ainda, média confirmativa da classe em que estão jogando, o que constituiria um sintoma desagradável da nossa carência de jogadores de escol se, antes de tudo, não revelasse a falta de adaptação dos nossos melhores bilharistas aos ambientes de competição.

Facto a registar, entretanto, e com agrado: todos os concorrentes conseguiram, na *mesa grande*, séries acima da centena. Isto depõe a favor das suas possibilidades, e, até certo ponto, é susceptível de desvanecer a má impressão desprendida da inferioridade das médias gerais alcançadas.

Saliente-se, ainda, que todos os jogadores em torneio registaram, já, médias particulares superiores às exigidas pela 2.ª categoria, o que é de molde a deixar entrever que, conquistada a regularidade nos encontros de campeonato, as médias gerais subirão de valor em futuras provas.

Indicam-se a seguir as médias particulares superiores a 10.

Alfredo Alinho: 100 — 30,769 — 28,571 — 666 — 23,529 e 18,181, Dr. Francisco Branquinho: 40 — 14,285 — 10,526. Marciano Alves: 25 — 10,526. Dr. Lourenço Gago: 13,333 — 10,526 — 10,093. Alvaro de Oliveira: 16,7 — 13,133. Salvador Azancot: 12,5 — 10,810. David Reys e Sousa; 11,111. Raúl Vidal: 10,256.

No encontro de sábado, contra David Reys e Sousa, Marciano Alves fez a melhor exibição, produzindo as 400 carambolas em 16 taçadas, o que lhe deu a média particular altíssima de 25. É caso de dizer que fechou com chave de ouro.

Faltam, para terminar a prova, as partidas Dr. L. Gago-Raúl Vidal e Alinho-Dr. F. Branquinho.

A classificação geral é presentemente a que segue:

Classificação geral (Referida a sábado)

	J.	V.	E.	D.	P.
Alfredo Alinho	6	6	—	—	18
Marciano Alves	7	4	—	3	15
Salvador Azancot	7	4	—	3	15
Dr. F. Branquinho	6	4	—	2	14
Raúl Vidal	6	4	—	2	14
David Reys e Sousa	7	2	—	6	11
Dr. Lourenço Gago	6	2	—	4	10
Alvaro de Oliveira	7	—	—	7	7

H'ANDBALL

Vencendo o Desportivo da Cuf o SPORTING conquistou o título de campeão de Lisboa

O jogo de desempate para apuramento do campeão, disputado no domingo passado entre o Sporting e o Desportivo da «Cuf», foi espectáculo emocionante, embate duro e vivo, onde a vontade e o entusiasmo se deram constantemente as mãos, mas não foi bonita partida nem de elevado valor técnico.

Sucedem sempre assim nestes encontros decisivos, nos quais os nervos vibram e a responsabilidade pesa em cada acto.

Ambas as equipas se empregaram a fundo, desde as primeiras jogadas, e a velocidade foi a característica dominante no campo, velocidade que parecia insustentável mas que se manteve até fim do tempo regulamentar, porque todos os jogadores se entregaram generosamente à sua tarefa. Alguns exageravam em dureza, sobretudo o defesa «cufista» Duarte, que procedeu de modo a merecer sanção severa, mas muito lhes poderá ser perdoado pelo interesse com que serviram a equipa a que pertenciam.

Terminada a hora regulamentar de jogo com o empate a três bolas, a sorte do campeonato decidiu-se em vinte minutos suplementares e, então, a veterania dos sportinguistas impôs a sua autoridade, e o ponto da vitória, alcançado por Tomás, foi a justa compensação do grupo de homens mais resistente e equilibrado.

A falar verdade, os «leões» deviam ter decidido a contenda a seu favor sem necessidade do recurso a minutos complementares; bastava-lhes, para tanto, um pouco mais de cuidado e método organizado na formação defensiva ante os lances livres na área. Sofreram duas bolas absolutamente idênticas porque deixaram descoberto o lado esquerdo da baliza ante os tiros certos de Marreiros.

São estes pequenos pormenores que às vezes destroem os benefícios de longos e porfiados esforços comuns; indesculpáveis em equipas de classe, mas pecha velha no Sporting, que pecha igualmente pelo pouco cuidado dos seus defesas quando lançam a bola em livre, ao acaso, quasi sempre para as mãos dos adversários e getando perigosas respostas. Jaime Silva foi, neste capítulo, imperdoável.

Dissemos, e repetimos, que o nível técnico do jogo foi baixo: raras jogadas construtivas perfeitas (e recordamos, entre todas, uma dos sportinguistas, primorosa, atravessando o terreno em passes prontos e precisos, sem intervenção dos contrários, e que Manuel da Silva lamentavelmente rematou de encontro ao poste), abundaram as prisões e batimentos de bola e as jogadas pessoais primaram às combinações de linha para linha.

Jorge Almasqué, nas rédes do Sporting, teve exibição de realce: foi o melhor homem em campo e muito lhe devem os seus camaradas pela confiança que lhes inspirou.

Arbitrou a partida Henrique Feist, francamente bem, apenas demasiado complacente com os processos de choque de certos elementos. No julgamento das faltas e incidentes só mereceu aplausos.

No domingo passado concluiu a primeira volta do campeonato de juniores, no qual o Sporting, detentor do título, leva a confortável vantagem de quatro pontos sobre Belenenses e Marvilense. A prova, que decorre na melhor regularidade, tem posto em foco reais progressos na gente moça, alfofres das futuras grandes equipas.

JOSE DE EÇA

A CULTURA FÍSICA DA MULHER



Queimadas pelo sol, estas raparigas executam exercícios com arcos — actividade sábia e cheia de beleza incontestável

BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 13 de Maio

Um cartaz de dia grande, que não corresponde à expectativa. Oito touros do dr. Emilio Infante, bem apresentados mas mansos na sua maioria, com as características do «manso de casta».

No hay quinto malo, rezam os cânones. De facto, o sétimo touro da tarde e quinto da lide à espanhola foi o único que se deixou torear de capote e que chegou à maleta investindo e crescendo. Fermin Rivera, o simpático toureiro mexicano, tão querido do nosso público, não esteve desta vez à altura dos seus créditos, embora recebesse a maior ovação que os lisboetas lhe têm tributado. A sua «faena», nesse sétimo touro, embora valente e voluntariosa, foi desigual e prejudicada por um nervosismo mais próprio de um novilheiro à procura de «cartel».

Armillita confirmou a sua classe de grande dominador. Foi justamente ovacionado pela «faena» que ministrou ao sexto da tarde. A Manolete tocou o pior lote, pelo que só lhe podemos aplaudir alguns pormenores da sua arte incommensurável. O último touro da tarde, o pior de todos, que o colosso de Córdova tentou debalde torear em todos os terrenos e por todas as formas, colhe-o violentamente, embora sem conseqüências, numa das suas arrancadas de manso.

O cavaleiro Fernando Salgueiro cumpria discretamente, dentro das possibilidades que lhe ofereciam os inimigos.

J. E.

SEPARATA neste número

A fotografia de ZEFERINO, capitão do VITÓRIA DE GUIMARÃES, última separata desta série.

A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO PARA TODAS AS APLICAÇÕES

A casa que oferece melhores preços e serve com a maior rapidez

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17

Telefones: 46186, 46187 e 51146

LISBOA

Stadium

O BENFICA CONTINUA NA POSSE DO TÍTULO

Um encontro extraordinário, para apurar o vencedor, constituiu, na verdade, o melhor fecho que se poderia ambicionar para o campeonato de juniores da A. F. L. — uma competição cujo êxito se adivinhou desde que a inscrição reuniu 23 equipas.

A feliz iniciativa da Associação terminou com um desafio que colocou frente a frente as equipas do Benfica e do Belenenses. A importância da luta e a popularidade dos clubes nela interessados deram ao acontecimento foros de sensacional. Assim, o estádio do Lumiar registou uma assistência de que não desdenhariam muitas partidas de «gente grande».

As duas equipas finalistas encontraram-se na segunda jornada da poule final do torneio, empatando 0-0. Ficou, portanto, por decidir essa questão de supremacia, que para muitos devia ser favorável aos «azuis». Com efeito, o desenrolar da prova parecia dar razão aos que assim pensavam. O Belenenses, de modo geral, conseguiu resultados mais de convencer que o Benfica — e no fim os socores de um e de outro tornavam aceitável o favoritismo concedido ao Belenenses.

Enganaram-se os que pensavam que o título mudaria de possuidor...

O Benfica venceu por 2-1, quando é certo que poderia ter alcançado resultado mais expressivo — bastava terem os avançados sido mais expeditos no remate.

Quem tiver assistido ao encontro e quizer ver as «coisas» sem paixão, há de convir que os «encarcados» se mostraram capazes de praticar melhor futebol do que os «azuis». Há melhor ideia de conjunto, melhor ligação entre os vários compartimentos do «team» e melhor execução nas jogadas de pormenor. Os benfiquenses mereceram a vitória no jogo de domingo... mas merecem também algumas censuras, pela maneira como actuaram e que lhes poderia ter causado um dissabor.

Tendo, pela frente, adversários de melhor compleição física, os «encarcados» deviam ter reconhecido que nunca poderiam levar vantagem na luta de perto ou no jogo alto. Quanto a nós a equipa pecou por não ter evitado uma e outra coisa. Não fosse o bom comportamento das linhas defensivas e não sabemos o que teria sido, pois os avançados benfiquenses nunca puderam levar a melhor com a defesa dos «azuis». Assim se justifica a pobreza do «score».

Nesta sua exibição, os vencidos deixaram-nos a impressão de que a larga superioridade que evidenciaram no decurso do campeonato, foi resultante do seu maior poder físico, que, indubitavelmente, deve ter sido muito bem aproveitado. Ao contrário do que sucede no Benfica, é mais fácil entre os belenenses apontar dois ou três elementos como figuras salientes da equipa. São eles o avançado do centro, Andrade e o defesa Rocha... que sabe justificar o nome!

No Benfica, o equilíbrio de valores é mais notório, de tal modo que só Vieira pode merecer uma citação especial.

Seria injustiça não falar da arbitragem. Abel Ferreira teve excelente trabalho — e a grande virtude de evitar que os «azuis» prosseguissem na toada de dureza com que a certa altura se exibiram.

D. D.

Feliciano numa entrada decidida no jogo de desempate Belenenses-Estoril



O ataque dos campeões juniores em acção

O BELENENSES passou adiante com dificuldade

PARA completar o lote dos concorrentes nos quartos de final da «Taça de Portugal», disputou-se na passada sexta-feira, no estádio do Lumiar, desempatando a poule, o desafio-desempate entre o Belenenses e Estoril. Este actuou da forma a afirmar que o vencido foi superior ao que venceu, como tantas vezes sucede em futebol. Em organização de jogo como plano de equipa, tanto no aspecto colectivo como no individual, o Estoril Praia marcou claramente a sua superioridade. Falhou no aspecto remate — e por isso perdeu.

O Belenenses realizou bem fraca exibição. A equipa começou a jogar sem esforço — pensando na sua deslocação a Madrid, e os «Internacionais» em Basileia. Quando quiz jogar a sério — era tarde. O adversário já se convencera da sua superioridade.

Semelhantes orientações produzem, algumas vezes, derrotas e desaires. Por felicidade para o Belenenses — tudo está certo, quando acaba bem. E acabou da melhor forma para os «azuis»...



Uma defesa de Valongo

HANDBALL — O Sporting é campeão de Lisboa

EM BAIXO: o grupo campeão com o árbitro do encontro; à direita: duas fases captadas no desafio (vêr crónica noutra lugar).



JOSE TRAVASSOS, o conhecido árbitro internacional, que desenvolveu obra de valor na «Mocidade» e na F. N. A. T., participou para o Funchal, onde dirigirá um curso de arbitragem, a convite das entidades locais da A. F. T. A gravura foi colhida no momento da partida (ver baixo)

VELA — «A Mocidade Portuguesa» fez disputar no domingo a taca «Comandante Augusto Soares de Oliveira», em «sharpies» de 12 m., por equipas. A vitória coube a António e José Bastos, da B. Naval. A gravura mostra um aspecto da regata



ESGRIMA — Campeonatos Nacionais da M. P. F. — A equipa do Douro Litoral, vencedora da prova de Sabre; 2 — A da Estremadura, vencedora em espada. Na sala de armas do Grupo Desportivo da Casa Vauitler: 3 — Os atadores que tomaram parte no torneio inaugural daquela sala, com o seu professor, sr. Carloa Nellis.



CICLISMO — Campeonatos Nacionais de Amadores — Em baixo: à esquerda, António Maris, do Sporting, vencedor em amadores júniores; à direita, Tavares da Silva, do Lisgás, vencedor em séniores



O campeonato de reservas

Normalmente, as provas oficiais obrigatórias, excepto o campeonato da A. H. P., são marcadas para depois daquele torneio. Segue-se uma tradição até certo ponto aceitável. Se nalguns casos há vantagem nisso (a circunstância de um término demorado impedir a realização do campeonato regional), noutros é aconselhável a disputa dessas provas no período que antecede o torneio maior da região. Vejamos: a realização do campeonato de reservas antes traria o benefício de servir de elucidação aos directores dos clubes com referência aos grupos de honra. Seria um excelente motivo de estudo.

Ao mesmo tempo, evitaria a imoralidade desportiva da inscrição de jogadores de primeiro plano em «reservas», enquanto a categoria de honra costuma ser formada por elementos mais apagados. Automaticamente, haveria a «imediata «prisão» de categoria, pelo que seriam evitadas as «bizarras» de lódas as épocas.

Serviria igualmente para pôr em actividade os novos árbitros, com vistas aos jogos de maior responsabilidade.

O torneio desta época, à hora que escrevemos, ainda não se iniciou. Não sabemos também quais os clubes concorrentes. Mas a tomar confronto pelo exemplo de outras épocas, o campeonato de reservas ocupará grande número de domingos, até dentro do «defeso» estabelecido oficialmente.

O campeão da 2.ª Divisão

Concluiu o campeonato regional de 1944/45.

Depois da vitória do Leça sobre o Ferroviário, grupo que também aspirava ao título, o primeiro lugar da 2.ª Divisão ficou pertencendo ao clube de Matosinhos. O seu posto está justamente ocupado pelo onze que demonstrou maior poder realizador e mais consciência colectiva.

Terá de fazer os jogos de passagem com o último classificado da 1.ª Divisão — o Selzeiros — que teve de baixar à cauda por motivos a que já aludimos. Em campo, pôde o grupo «encarnado» defender uma posição honrosa, fazendo parte do «pelotão médio» da classificação geral — mas a situação irregular de um seu elemento arrastou o grupo para a mais baixa classificação.

Imprudência lamentável...

Os casos dos empates

Depois do empate na tabela para o primeiro lugar na 1.ª Divisão, a A. H. P. resolveu consultar a F. P. H. acerca da atribuição do título de campeão regional. Como é do conhecimento público, pela realização extra do encontro Pôrto-Vigorosa, que se efectuou no domingo passado, a entidade suprema do «handball» português, com o beneplácito da Direcção Geral, resolveu anular a decisão do «goal-average» para desempates, estabelecida há um ano, reconhecidas as deficientes informações da A. H. P. e tendo em vista o estabelecido no Regulamento Desportivo da associação nortenha.

Ficou desta maneira confirmada a decisão já tradicional no campeonato citadino, que na época anterior havia sido alterada.

Vingou, pois, a sã moral despor-

Stadium na Capital do Norte

AS ORGANIZAÇÕES DA «STADIUM» EM FAVOR DO DESPORTO NORTENHO

Terminou a nossa «campanha» do primeiro semestre de 1945

Três taças e trinta medalhas disputadas por duas centenas de praticantes — O «volleyball», o «corta-mato» e o atletismo puro, três modalidades que beneficiaram das nossas iniciativas

NÃO haverá quem nos julgue mal por sentirmos, neste momento, uma satisfação sincera. O que fizemos desinteressadamente em favor do desporto nortenho parece, sem imodéstia, que nos dá o direito a tal satisfação, como resultante de um dever briosamente cumprido. É que, para o conseguir, não poupámos esforços e sacrifícios.

Movimentámos três modalidades e mais de duas centenas de desportistas em representação de uma dezena de colectividades, que prontamente se dispuseram a prestar-nos a sua colaboração com a certeza da honestidade dos nossos objectivos. Deste somatório de iniciativas e boas-vontades saiu uma valiosa obra de propaganda, que há-de ter, por força, os seus efeitos benéficos na actividade do «volley» e do atletismo nortenho. Assim, Stadium procurou desempenhar uma das missões que lhe cumprem, pela sua posição na imprensa portuguesa de especialidade. E os nortenhos não deixaram de reconhecer — como têm reconhecido através inúmeras manifestações de aplauso que recebemos — o nosso bom propósito de lhes valorizar a actividade desportiva, ainda que para tal houvesse necessidade de derrubar lódas as dificuldades criadas pela hora presente.

Os vencedores dos três troféus que pusemos em disputa foram: o S. C. Selzeiros, a quem coube a taça «Joaquim Moreira Jr.», pela brilhante vitória da sua equipa na prova de «corta-mato»; o F. C. do Pôrto, que conquistou a taça «Dr. Selzeir Carreira»; e o Académico F. C., que ciosamente se bateu pela taça «Roberto Machado» e que a conquistou com indiscutível superioridade.

A primeira foi já entregue no decorrer de uma memorável sessão, à qual presidiu o sr. Mário de Carvalho, ilustre delegado da Direcção Geral; as duas restantes serão entregues no próximo mês de Junho, também no decorrer de outra sessão que estamos a preparar e que deve marcar como acontecimento vulgar no nosso meio. Será o fecho de uma iniciativa bem intencionada, que mereceu dos desportistas nortenhos o melhor interesse e o mais sincero carinho.

A todos quantos nos prestaram a sua valiosa colaboração, os nossos agradecimentos.

A exemplo do que sucedeu com a temporada de «corta-mato», também agora coube à nossa revista inaugurar a de atletismo puro — e, exactamente como na primeira, também desta vez a nossa iniciativa serviu admiravelmente a propaganda da modalidade e proporcionou a revelação de novos valores. Por outro lado, o público accorreu em elevado número ao Estádio do Lima, dando ao torneio ambiente de brilhantismo e de vibrante animação. Sem exagero, pode afirmar-se que o nosso atletismo não poderia ter melhor jornada de abertura, a que não faltou ainda, para maior êxito, uma organização exemplar, graças ao interesse dos incansáveis dirigentes da A. P. A. e à boa-vontade dos sinceros amigos do atletismo.

Inscreveram-se no nosso torneio quatro equipas: a do F. C. do Pôrto, a do Académico, a do Amaranthe e a do Operário, representadas por um total de 70 jovens atletas. Infelizmente, porém, às duas últimas não foi possível fazerem-se

liva, em benefício da propaganda da modalidade.

O policiamento dos campos

Muitas vezes apregoa-se a necessidade do cumprimento dos regulamentos, quando há vantagem nisso... Noutros, apela-se para o bom senso daqueles que têm nas mãos as rédeas do comando, com

(Continua na pag. seguinte)



ANTONIO CASTRO

O mais completo jogador no «volley» nortenho e incontestavelmente dos primeiros do País. Grande impulsor da modalidade entre nós. O último torneio da Stadium ficou a dever muito à sua exuberante iniciativa. Chefe da secção de «volley» do F. C. do Pôrto em 1944 e actual capitão do team de honra do mesmo clube.

Nasceu em S. Miguel (Açores), onde começou a sua actividade desportiva, no Clube União Micaelense. No continente, por virtude da sua vida de estudante, ingressou no Académico de Braga, de onde transitou para o F. C. P.

Magnífico espírito de desportista, jogador correcto e leal, Fernando de Castro desfruta da estima de companheiros e adversários.

ATLETISMO

A equipa do Académico F. C. ganhou o torneio da STADIUM vencendo a do F. C. P. com mérito indiscutível

representar, devido ao simultâneo falecimento de pessoas ligadas directamente à vida das referidas colectividades. Por isso, a luta resumiu-se a um encontro F. C. do Pôrto-Académico — precisamente os clubes que maior número de concorrentes apresentavam.

Essa luta teve muito de empolgante e deixou a certeza de que tanto num como noutro clube se trabalha muito e sério pelo atletismo. Venceu a equipa do Académico (100 pontos contra 72), com lóda e justiça, aliás. Os acadêmicos dispõem, na verdade, de uma valorosa equipa de «estreates», e se é certo que a do F. C. do Pôrto vale mais do que aquilo que deixou perceber, não se pode, por outro lado, deixar de reconhecer, no momento, a superioridade daquela, à qual muito bem e justamente vai ser entregue a taça com o nome de Roberto Machado, seu orientador técnico e nosso prezado camarada. É pois lógica a dupla satisfação dos jovens atletas do Académico, que prestaram assim a melhor homenagem que podiam ao seu treinador...

Por hoje, limitamo-nos a estas ligeiras apreciações. Falaremos depois dos atletas. Como no próximo

domingo se disputa o Campeonato Regional de «Estreates», repelição deste torneio da Stadium, rectifiquemos impressões em mais longa crónica. Por agora, limitemo-nos a dar a nota dos vencedores individuais do nosso torneio:

60 metros — Américo Pinto, F. C. do Pôrto, em 7 s. 6/10; 120 metros, José Reis Almada, Académico, em 14 s. 2/10; 250 metros, Ercílio Oliveira, F. C. do Pôrto, em 32 s. 4/10; 700 metros, José Cortes, Académico, em 1 m., 49 s. 8/10 (novo «record» regional); 2000 metros, António Barros, F. C. do Pôrto, em 6 m. 23 s. 9/10; 5x60 metros, Académico (Arménio, Queiroz, Doria, Pessoa e Almada) em 38 s.; 3x250 metros, Académico (Doria, Orlando e Cortes), em 1 m., 41 s. 6/10; 3x700 metros, Académico (Coulinho, Samuel e Cortes) em 5 m., 49 s. 2/10 (novo «record» regional); Altura, Pedro Pessoa, Académico, com 1,55 m.; Comprimento, Alfredo Serrano, F. C. do Pôrto, com 6,31 m. (novo «record» regional); Pés, António Morais, F. C. do Pôrto, com 11,79 m.; Disco, Abílio Silva, Académico, com 26,21 metros.

E. S.

De oito em oito dias

Está assegurado
o Pôrto-Galiza?

A realização destes jogos inter-selecções do Pôrto e da Galiza, em futebol, tem sido motivo para as mais desencontradas notícias.

Parece, no entanto—segundo a afirmação solene de um dirigente da A. F. do Pôrto—que o caso da efectivação dos jogos depende única e simplesmente da confirmação escrita de um organismo oficial, a garantir as datas escolhidas—10 de Junho, lá; 17 de Junho, cá.

Possivelmente, mesmo antes destas linhas saírem à luz da publicidade, já se terá realizado uma reunião de jornalistas desportistas com a direcção da A. F. do Pôrto, para se assentarem em trabalhos práticos.

Eis, pois, ao que parece, quasi arrumado este assunto, que se tem protelado de mês para mês...

Valha a verdade—e nós gostamos muito de ser justos—que a A. F. do Pôrto, em especial pela personalidade do seu dinâmico presidente, o nosso prezado amigo sr. Alberto

de Brito, não descurou o assunto. Aproveitando a ida à Corunha de representantes da Federação de Futebol e da Direcção Geral de Desportos, solicitou os seus bons officios no sentido de dar corpo à ideia.

Parece afinal tudo foi bem encaminhado e os jogos devem, por consequência, ser uma realidade, o que muito nos apraz registrar, não só porque representa a coroação feliz do trabalho dos dirigentes da nossa Associação, como também por se voltarem a estreitar os laços desportivos que nos uniram, durante muitos anos, com a vizinha e ridente Galiza.

Por informações colhidas à última hora, sabemos que para a selecção da Galiza já estão escolhidos Acuña, Pedrito e Borbolla, do Desportivo da Corunha, e Fuentes, Roigo e Yalo, do Celta de Vigo.

Recetas...

A festa de homenagem ao antigo jogador internacional de futebol Acácio Mesquita rendeu 41.200\$00, o que traduz, de certo modo, amizadeo respeito pelo atleta que tantas vezes fez vibrar de entusiasmo as massas desportivas de todo o país.

Por outro lado, o festival realizado no dia 6, no estádio do Lima, ao que parece com carácter clubiste, consta ter rendido uns escassos 5 contos. Com uma organização caríssima, como é a do Lima, o saldo positivo não deve ser dos melhores...

Crises associativas?

Dizem-nos que o conhecido dirigente Teodomiro Argente Junior, do Académico, que estava ultimamente a presidir à Associação de Basketball do Pôrto, vai pedir a demissão do seu cargo.

Também idêntica situação surgiu com o mesmo dirigente na Associação Portuense de Atletismo, mas parece que certa intervenção feliz sanou o conflito esboçado.

Entretanto, na altura em que escrevemos—a situação mantém-se

Os cavaleiros espanhóis

(Continuação da página 3)

Portugal e a Espanha pelo que diz respeito ao hipismo. O número de vitórias é igual...

E a vincar o valor dos cavaleiros portugueses, o nosso entrevistado esclarece:

—A inferioridade tem sido provocada pela diferença de categoria das montadas.

«Em Portugal—prosegue—só agora se olhou a sério este problema. É certo que houve uma remonta em 1909, mas depois disso as que se verificaram—e poucas foram—não deram resultados satisfatórios. No ano findo, o Governo resolveu o problema adquirindo um grupo de cavalos irlandeses, o qual, disso estou certo, melhorará sensivelmente as nossas possibilidades.

—Só se poderá brilhar com bons cavalos!—arriscámos.

—Sem dúvida! É condição básica. Mas o que torna o desporto hípico muito interessante é ainda a incerteza nos resultados.

«Um bom cavalo dá às vezes um toque onde menos se espera; basta-lhe para isso um passo de galope mal dado, que lhe inutiliza um percurso brilhante. Em con-

trpartida, um cavalo de menor categoria, em dia de boa disposição, «limpa», muitas vezes, contra todas as expectativas...

—Prevê então uma boa época?

—Conto com ela. Este ano o Concurso de Lisboa é antes do de Madrid, o que nos oferece a possibilidade de um belo treino.

E respondendo ainda a outra pergunta, o sr. general Latino diz-nos:

—O Concurso de Madrid é sensivelmente igual ao nosso. No tempo do antigo hipódromo, que a guerra civil inutilizou, havia certas diferenças. Hoje, à parte as provas de força, que fazem disputar por terem cavalos para elas, as características das duas competições são iguais. Os valores são idênticos...

E referindo-se à forma como têm sido tratados no nossa revista os assuntos relativos ao hipismo, o sr. general Latino diz-nos ainda:

—É sempre útil a propaganda numa época em que o motor suplantou o cavalo!

«A Stadium tem sabido pôr em bom plano um desporto de tradições».

Eis o que nos disse o sr. general Manuel Latino, figura de relevo no hipismo nacional.

ANTAS TEIXEIRA

Aos nossos leitores

STADIUM tem o maior interesse em arquivar todos os acontecimentos desportivos de maior relevo no Continente, Ilhas e África, através de fotografias sugestivas.

Convidamos os nossos leitores a enviarem-nos boas provas fotográficas dos assuntos que desejariam ver publicados.

«FLECHA»
A MELHOR BICICLETA!

Handball

(Continuação da página anterior)

o fim de resolver pelo «coração». É o caso do policiamento dos campos...

Se um grupo não policia o terreno e o árbitro sujeita-se ao vulgaríssimo vexame de ser insultado, logo um mundo de exigências se levanta para que seja respeitado o Regulamento. Todavia, se o facto se dá com esses «Joões das Regras», então já não há leis nem regulamentos...

Orá é esta moralidade afunilada que se deve banir, fazendo respeitar, unicamente, todos os clubes, por igual, e as leis, na sua essência.

Desviar-se disso é servir o particular em prejuízo do geral!

LUIZ MARCOLINO

Velejadores do Sport Clube do Pôrto em Espanha



O grupo de velejadores do Sport Clube do Pôrto que a gravura reproduz, esteve na Corunha, por ocasião do encontro Portugal-Espanha. Disputaram diversas regatas com desportistas gelegos, obtendo magníficas vitórias

As nossas separatas

ESTAMOS procedendo à impressão das primeiras fôlhas da original série de separatas com os emblemas dos clubes desportivos do País.

Enquanto não damos início à sua inclusão na STADIUM, podemos já anunciar aos nossos prezados leitores que outra MODALIDADE DE SEPARATAS, ABSOLUTAMENTE GRÁTIS, será eventualmente intercalada naquela:

A «Biblioteca da STADIUM»

trabalho vasto, do maior interesse, dividido em diversas séries, tais como historiografia e bibliografia desportiva, etc., constituindo magnífico repositório das figuras e factos de maior relevo no desporto nacional!

Ano II—III Série

Lisboa, 16 de Maio de 1945

N.º 128

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

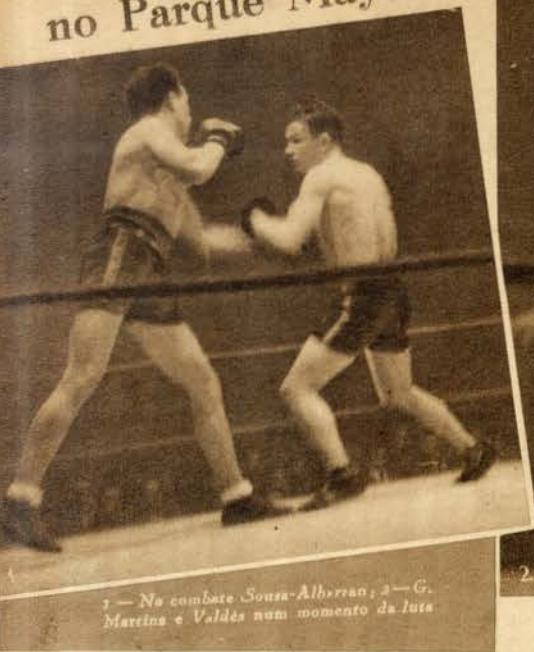
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
TELEFONE 5 1146—LISBOA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

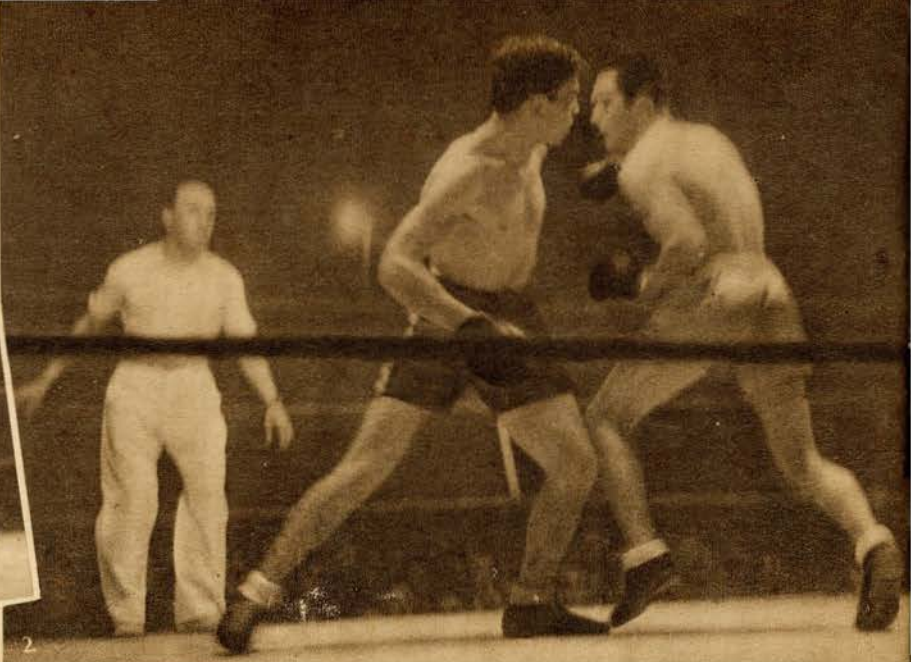
Execução gráfica de
NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA

PUGILISMO

no Parque Mayer



1 — Na combate Sousa-Albreyan; 2 — G. Martins e Valdés num momento da luta



ATLETISMO - Campeonato de estreantes



2



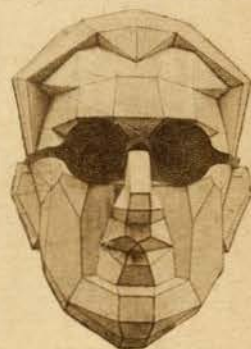
3



4

5

1 — Nos 700 metros o vencedor conduziu já a prova. 2 — D. Canhão (Sp.) ao cortar a meta em vencedor na estafeta de 3 x 700 metros. 3 — M. Coelho (Sp.), L. Rocha (Sp.) e J. Abreu (cit.), 1.º, 2.º e 3.º classificados nos 250 metros. 4 — Octávio Costa (Benf.), vencedor do salto em altura. 5 — Fernando Paiva (Sp.), vencedor do péso e disco



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 22829 LISBOA